

### 5.2.3 Fichamento Sintético

Detalhar as funções ilocutórias (e a elaboração temática correspondente) alcança um alto grau de refinamento. Dependendo da complexidade do texto e dos objetivos almejados com a leitura, cabe mesmo dissecar a exposição linha a linha, conforme já mencionado. Por mais enriquecedoras, e por vezes inescapáveis, que essas análises se mostrem, *é preciso cuidado para que a exploração da microestrutura da exposição não se faça à custa do entendimento do sentido global ali veiculado*. Na verdade, espera-se que a análise detalhada da exposição textual *contribua para o entendimento desse sentido global*, e não que de alguma forma adie excessivamente ou mesmo inviabilize a compreensão voltada para a totalidade do texto. A divisão das partes do texto e a exibição de suas operações constitutivas não é um fim em si mesmo, mas um recurso metodológico que permite *reconstituir* o sentido tal como configurado no correr da exposição. A fim de garantir que essa reconstituição abranja o sentido global do texto e não se disperse em subdivisões quase intermináveis, propõe-se um terceiro tipo de fichamento, que se deixa identificar pelo acréscimo de uma nova tarefa ao fichamento detalhado. Trata-se do fichamento sintético, cuja marca distintiva é o registro de uma reflexão não mais analítica, e sim *abreviadora*. Os resultados das fichas detalhadas servirão de base para que o leitor formule uma perspectiva concisa acerca da exposição do texto. Essa perspectiva sintética não será produzida aleatoriamente, mas organizada em torno de *três núcleos lógicos* que permitem repor de modo sucinto o movimento expositivo global do texto. Esses núcleos lógicos são: *o problema central, a tese ou posição central e a argumentação*. Essas são noções tão gerais que organizam a leitura de praticamente quaisquer textos argumentativos. Afinal de contas, um texto argumentativo sempre é escrito tendo em vista certo estado de coisas de alguma maneira problemático, ou seja, que exige algum tipo de esclarecimento ou elaboração. É esse horizonte temático motivador da própria escrita que deve ser circunscrito como o “problema” a que o texto se dirige. Por vezes, o problema é formulado clara e rigorosamente (tal como no exemplo de Kant, em que o problema está explicitado no próprio título); por vezes, é preciso que o leitor o exprima com cuidado, após analisar vários subproblemas enfrentados no correr da exposição. Em seguida, a tese ou posição é a afirmação ou conjunto de afirmações centrais defendidas pelo texto como algum tipo de resposta a ou opinião justificada sobre o horizonte problemático que motivou a escrita. Às vezes, a tese pode ser capturada como uma sentença; no entanto, é mais comum que a posição defendida no texto seja composta por diferentes subtemas, que devem ser cuidadosamente reconstruídos pela leitura. Por fim, a argumentação, em sentido lato, é o caminho geral construído no decurso da exposição para sustentar a posição ali assumida.



Reforcemos a generalidade desses três núcleos lógicos marcantes do fichamento sintético: um texto argumentativo é escrito porque se reconhece algum tópico passível de discussão (o problema), diante desse tópico assume-se algum tipo geral de posição (ainda que “negativa”, isto é, que suspenda o juízo ou dissolva o problema, por exemplo), e para defender essa posição serve-se de um caminho expositivo particular. O que se propõe como fichamento sintético não é senão organizar a compreensão do texto lido conforme esses três núcleos. Essa é uma maneira (entre outras possíveis, sem dúvida) de garantir uma apreensão voltada para o sentido geral do texto. Com o fichamento detalhado, rompe-se a unidade inicial, buscando-se explicitar as diversas operações que articulam as partes expositivas. Agora, com o fichamento sintético, intenta-se recuperar sinopticamente a unidade expositiva, reconstruindo a exposição em seu caráter global com base nestes três núcleos lógicos: o problema, a tese ou posição e a argumentação.

Concretamente, como se produz um fichamento sintético? Ao findar a reconstrução detalhada do texto em foco (um artigo ou cada capítulo de um livro), acrescentam-se três perguntas básicas ligadas àqueles núcleos lógicos, para cuja resposta o leitor deverá reconstruir sinteticamente todo o movimento expositivo do texto. Essas perguntas são:

- Qual o problema central enfrentado pelo texto?
- Qual a tese/posição proposta pelo texto?
- Qual a argumentação oferecida para sustentar a tese/posição?

Sugere-se que se escreva uma ficha própria para essas questões, a qual deve então ser anexada às fichas detalhadas do texto correspondente. Formulemos um exemplo desse exercício com o trecho de Kant temos empregado neste capítulo. Para fins didáticos, vamos responder às questões-guia do fichamento sintético limitando-nos somente aos quatro parágrafos citados do texto.

Quadro 5.12 – Ficha de estrutura expositiva (nível sintético) para o trecho estudado

---

Ficha de estrutura expositiva – Nível sintético

Texto: “Resposta à Pergunta: Que é Esclarecimento [*Aufklärung*]?” (§§ 1-4)

*Qual o problema central enfrentado pelo texto?*

Definir de maneira precisa o que é o esclarecimento e quais suas condições. Interessa também elucidar quais as causas do estado oposto àquele do esclarecimento, a menoridade.

*Qual a posição proposta pelo texto?*

O texto apresenta como definição do esclarecimento “a saída do homem da menoridade da qual ele é o culpado”, e propõe como sua condição básica o exercício da liberdade. Além disso, o texto sugere que quando não se é esclarecido, se é “menor”, e discute as causas



da menoridade voluntária. Em poucas palavras, trata-se da preguiça e da covardia, as quais levam as pessoas a se submeterem a tutores que, por sua vez, as atemorizam para mantê-las sob jugo. Por fim, insiste-se em que essa situação de menoridade só pode ser mudada lentamente, o que exclui uma revolução política como método para o esclarecimento popular.

*Qual a argumentação oferecida para sustentar a posição?*

Em termos muito gerais, o texto propõe inicialmente uma definição (de “esclarecimento”) e, em seguida, elucida os principais termos aí empregados (“menoridade”, “ser culpado”), o que conduz a uma análise das causas da ausência do esclarecimento e de sua condição fundamental (a liberdade).

---

Note-se que as respostas às questões-guia são narrativas, ao contrário da exploração das partes expositivas no fichamento detalhado, realizada por meio da enumeração de itens em relações de subordinação. Dessa maneira, a produção da ficha sintética compromete o leitor a exercer a narratividade, o que vale como treino para a *escrita* de textos argumentativos. As fichas sintéticas são como “resumos orientados”, por intermédio dos quais o leitor reconstrói sinteticamente o movimento expositivo, reconstrução alicerçada sobre a cuidadosa exploração anterior das partes expositivas do texto. Ao fichar, o leitor acostuma-se então a centrar seu entendimento em torno de três grandes articuladores lógicos que também lhe serão úteis, como veremos, para a produção textual. É por isso que se recomenda, na elaboração das fichas sintéticas, evitar longas citações. O leitor deve se esforçar por formular com as próprias palavras o entendimento global do texto. A ficha sintética marca, por assim dizer, o ápice da reconstrução do sentido em pauta: o texto foi lido, anotado, analisado em suas partes e subpartes, e então o leitor se capacita para exprimir autonomamente o resultado desse lento processo de assimilação. Se se consegue formular de modo rigoroso, por meio de paráfrases cuidadosas (que evitem o plágio), o movimento expositivo global do texto conforme os três grandes articuladores lógicos empregados, então se sedimenta uma apropriação duradoura do sentido lido, com a qual o leitor passa a contar como uma espécie de “instrumento de investigação” ao qual recorre com segurança em discussões variadas acerca dos temas em questão.

### 5.3 CONSIDERAÇÕES GERAIS

Concluimos a apresentação das técnicas ligadas aos fichamentos de estrutura expositiva. Almejamos ter deixado clara a centralidade dessa estratégia para a fixação do sentido lido e, de um ponto de vista mais amplo, para a sedimentação em diversos níveis de complexidade de uma base temática e procedimental que constitui uma parte nuclear de todo processo formativo. Centrar a compreensão dos textos na reconstrução da estrutura expositiva torna concreta aquela abertura ao pensar alheio que tanto marca o exercício maduro da leitura. Respeitando a



estrutura expositiva, o leitor se obriga a repor as teses dos autores em seu próprio movimento interno de justificação, de maneira a apreciar a efetiva força lógica das posições defendidas. Evita-se, conseqüentemente, a anteposição apressada de juízos valorativos que poderiam inibir a compreensão isenta da real complexidade e força lógica das posições estudadas.

Buscar recuperar a posição efetivamente defendida nos textos, conforme a estrutura expositiva a eles imanente, é talvez a etapa elementar de todo estudo formativo sério. Nessa etapa, o leitor se compromete a um afastamento mínimo de suas próprias preferências e valorações, ao menos para fazer aparecer sem distorções ou simplificações crassas as posições alheias. E somente por meio dessa reconstrução rigorosa das posições alheias pode-se esperar participar produtivamente dos debates acerca dos temas em questão. Sem reconhecer efetivamente a complexidade das posições clássicas ou vigentes acerca de um tópico, qualquer proposta soaria ingênua e insuficiente. Por exemplo, caso se leiam mal textos clássicos sobre um assunto, julgando-os ultrapassados e rapidamente oferecendo propostas supostamente inovadoras, então se é facilmente refutado por colegas atentos à riqueza das posições estudadas, à luz da qual tais propostas perdem abrangência ou mesmo relevância. Decerto, *o processo formativo deve almejar mais do que a reposição isenta das posições clássicas ou atuais acerca de um tópico*. A capacitação para *contribuições autônomas* na área de estudos em questão parece-nos o horizonte final de todo processo formativo. No entanto, é importante salientar: não somente essa meta não exclui o trabalho de reposição elucidativa de obras alheias (por exemplo, nada impede que um pesquisador publique, além de obras com novas ideias, obras que busquem retomar, para fins didáticos, as principais posições clássicas de sua área de atuação) como de certa forma ela a pressupõe, no sentido em que a construção de novas posições efetivamente elucidativas parte de uma análise rigorosa das posições disponíveis até o momento, deixando então clara a relevância de sua perspectiva em contraste com aquelas já estabelecidas.

O exercício dos fichamentos de estrutura expositiva colabora então para difundir uma orientação específica para qualquer processo formativo, segundo a qual *a sedimentação rigorosa de um repertório fundamental de posições e operações marcantes do campo de estudo em questão é uma etapa inescapável do desenvolvimento intelectual*. Fichar cuidadosamente os textos lidos revela o respeito por obras marcantes da área estudada e torna o leitor primeiramente *herdeiro* de modos particulares de pensar certos problemas teóricos ou práticos, para então, imbuído de um saber diligentemente construído, arriscar-se, se for o caso, a avançar em relação a alguns posicionamentos. Quando se leem descuidadamente textos argumentativos, em relação aos quais se emitem prematuramente opiniões valorativas tão peremptórias quanto rasas, então na verdade pouco se aprende, por vezes a leitura servindo de mero pretexto para perpetuar preconceitos. Contra esse tipo de leitura viciada, expõem-se neste livro estratégias para que o ato de



ler colabore para a emancipação crítica do leitor, o que exige desvencilhar-se metodicamente de prejulgamentos que poderiam impedir a compreensão da efetiva força lógica dos textos estudados. A reconstrução isenta da estrutura expositiva por meio dos fichamentos expostos é, sem dúvida, um elemento marcante desse processo.

É muito importante acentuar que os modelos de fichamentos propostos neste capítulo delimitam somente *uma possibilidade* de fixar e reconstruir o conteúdo significativo lido. Outras formas legítimas de obter tal fim, inclusive por esquemas gráficos tais como mapas conceituais e congêneres, simplesmente não foram aqui avaliadas. Além disso, há boa margem de adaptação dos modelos expostos conforme as particularidades do estudo em pauta. Cabe aos leitores testarem o método e proporem soluções mais adequadas para as circunstâncias enfrentadas. Importa guiar-se por certo *núcleo duro* do trabalho de reconstituição da estrutura expositiva: divisão das grandes partes do texto, exibição das operações ilocutórias aplicadas ao conteúdo temático, retomada sintética do movimento expositivo global. Reconhecemos que esses tópicos admitem sistematizações por meio de práticas diferentes daquelas regidas pelos modelos de fichamentos aqui explanados. Não é preciso, assim, tomar esses modelos como fórmulas engessadas, e sim considerá-los como instrumentos de certa orientação de trabalho, passíveis de aperfeiçoamentos e ajustes.

Por fim, uma sugestão bem prática. Os fichamentos de estrutura expositiva se aplicam a unidades textuais completas, como artigos ou ensaios. No caso de textos muito longos (livros), recomenda-se a aplicação do método para cada capítulo. Então, com base nas fichas sintéticas dos sucessivos capítulos, cabe escrever uma ficha sintética global, que abarque o livro inteiro. Para tanto, deve-se levar em conta os problemas, teses e argumentações localizados em cada capítulo e propor uma ficha que abranja o “problema geral”, a “posição geral” e a “argumentação geral” do livro. Muitas vezes essa ficha final é consideravelmente longa, conforme a complexidade da obra estudada.

## 5.4 EXERCÍCIOS

---

APLIQUE AS TÉCNICAS DE NOTAÇÕES E DE FICHAMENTOS AOS TRECHOS A SEGUIR.  
 PROPONHA FICHAMENTOS DE ESTRUTURA EXPOSITIVA, PASSANDO PELOS  
 NÍVEIS EXPRESSO, DETALHADO E SINTÉTICO.